

A “VIDA DE SANTA PELÁGIA” COMENTÁRIOS MORFOSSINTÁTICOS (II)

Ruy Magalhães de Araujo (UERJ)

4.3.2 – Possessivos

Ao contrário do que se verificou com os pronomes pessoais, os possessivos em português provieram unicamente das formas do acusativo do latim:

latim português			
meum	meu	nostrum	nosso
meos	meus	nostros	nossos
mean	minha	nostram	nossa
means	minhas	nostras	nossas
tuum	teu	vestrum	vosso
tuos	teus	vestros	vossos
tuam	tua	vestram	vossa
tuas	tuas	vestras	vossas
suum	seu	suum	se (dele)
suos	seus	suos	seus (deles)
suam	sua	suam	sua (dela)
suas	suas	suas	suas (delas)

Os vários registros (ou reformas) com que os pronomes pessoais aparecem em textos do português arcaico demonstraremos em o decorrer da apresentação deste tópico.

Ao fazermos os comentários, seguiremos o mesmo critério adotado com o item anterior, isto é, os vocábulos serão selecionados tal qual se encontram no texto.

Nossos

fol. 74v. 2. “E por onde ouvide hũ/u millagre que foy facto em *nossos /dias*”

1^a p. masculino pl. de vários possuidores. Apresenta as seguintes formas análogas: *noſſos, noſoſ, nosos, noſſoſ*.

Vossas

fol. 74v. 2. “(...) creades e ajades ajuda e consolaçõ/a *vossas* almas”

2ª p. feminino pl. de vários possuidores. Formas análogas: *uofas*, *voffas*, *uoffas*, *uoffas*.

Seus

fol. 75v. 7. “(...) tomaron suas faces e *seus* rostros atrás”

3ª p. masculino sing. de vários possuidores. Formas análogas: *seus*, *seuf*, *ffeus*, *ffeuf*, *fouf*, *seos*.

Ssua

fol. 76r. 9. “(...) e na presença / de Deos e ante a *ssua* cathedra, ha-de julgar-nos”

3ª p. feminino sing. de um só possuidor. Computam-se as seguintes formas análogas: *fa*, *fha*, *ffa*, *fua*, *sua*, *ffua*.

Nosas

fol. 76r. 10. “(...) çugidades e maldades que son exertadas den/tro em *nosas* almas”

3ª p. feminino pl. de vários possuidores. Apresenta as seguintes formas análogas: *noffas*, *nofas*, *noffa*, *nofaf*, *nosfas*.

Tua

fol. 78r. 22. “(...) mais recibe ã *tua* guarda que muy / to cobíço seer salva.”

2ª p. feminino sing. de um só possuidor.

Teu

fol. 78v. 24. “(...) segui os pre / ceytos e mandamentos de *teu* senhor e doutor Cristo,”

2ª p. masculino sing. de um só possuidor.

Meus

fol. 79r. 26. “(...) e os *meus* pecados e maldades / a ty seer(a)m tornados se me nom baptizares.”

1ª p. masculino pl. de um só possuidor. Também se conhece as formas *meuf*, *meos*.

Minha

fol. 79r. 25. “(...) que nom tardes nê neg / ues saude aa *minha* alma,”

1ª p. feminino sing. de um só possuidor. Outras formas conhecidas: ma, mha, mia, mja, mja, mya, mã, mã, myã, mina, miã, mjna, myna, mỹna, myña, mjña, miã, mynha.

Teos

fol. 79v. 30. “(...) Or / a confessa todos os *teos* pecados.”

2ª p. masculino pl. de um só possuidor. Também se registra a forma *teus*.

Tuas

fol. 80r. 34. “(...) nã poderey sop / ortar as tuas obras, feytos e artes.”

2ª p. feminino pl. de um só possuidor.

Com relação às formas da 3ª pessoa, passemos outra vez às explicações de Clarinda de Azevedo Maia:

No que diz respeito às formas de terceira pessoa, a noção de possessividade pode exprimir-se por outros processos, além dos pronomes indicados: os pronomes *seu*, *lua* podiam referir-se diferentes pessoas (*dele*, *dela*, *deles*, *delas*). Essa ambigüidade dos pronomes da terceira pessoa cuja formas eram iguais quando referidos a um ou a vários possuidores, do gênero masculino e feminino, conduziu à expressão da possessividade por outros processos, um dos quais consistia na substituição do pronome possessivo da terceira pessoa pelo pronome pessoal regido de preposição *de*. (*Op. cit.*, p.682)

Sobre esse último aspecto, citemos o seguinte exemplo que a autora nos fornece: “e dem ende em cada hũu anno aa dita capela e ao amini/trador *dela* noue mrs. uehos de portugue/ês” (1334 M 159) (*Ibidem*, p. 682), que acreditamos tenha servido de modelo para expressar essas quatro formas de possessividade.

4.3.3 - Demonstrativos

“São de procedência latina. Reproduzem mais fielmente o tipo primitivo e conservam os três gêneros de origem. O neutro não admite flexão numérica.” (*F T D*: 1926: 371) São estas as palavras de um grupo de pesquisadores, contidas na Gramática Histórica FTD.

Abaixo apresentamos o quadro sintético desses pronomes:

Masculinos		Femininos		Neutros	
iste	este	ista	esta	istud	isto, esto
ipse	esse	ipsa	essa	ipsum	isso, esso
ile	ele	illa	ela	ilud	elo
*accu+iste	aqueste	*accu+ista	aquesta	*accu+istud	aquesto
*accu+ille	aquele	*accu+illa	aquela	*accu+illum	aquilo, aquele

Segundo dizem alguns autores, *eccum*, que se usava em latim vulgar para fortalecer os demonstrativos, se tornou *accu; sob a influência de *atque* ou *ac* (...) *acco (de *eccum*).

O plural desses pronomes não derivam diretamente do latim. Constituem formas analógicas pelo acréscimo da terminação do plural às formas do nominativo singular.

Estas

fol. 77r. 15. “Dizendo elle *estas* co/usas”

Feminino pl. Outras formas existentes: *eſtaſ*, *eſtas*.

Aquela

fol. 77v. 20. “Aconteceo per a bõ / dade de Deos que *aquela* molher publica”

Feminino sing. Outra abonação: *aquella*.

Aquel

fol. 80r. 34. “Maldito seja *aquel* / dia”

Masculino sing. Outras formas documentadas: *aquele*, *aquelle*, *aquelhe*.

Este

fol. 80r. 34. “O amyga / mynha e senhora Pelagia que tam gram mal he *este* / que fizeste?”

Masculino sing. Formas correlatas: *eſte*, *eſſte*.

4.3.4 - Relativos

Após apresentarmos o quadro das transformações históricas dos pronomes relativos, selecionaremos *apenas* os que se encontram dentro do texto em estudo, seguindo-se os respectivos comentários morfossintáticos que lhes dizem respeito.

A maior parte dos pronomes relativos perdeu-se em latim vulgar e os poucos que restaram procedem geralmente do acusativo:

latim clássico	português
quid	que
quem	quem
cuium	cujó
qualem	qual
quales	quais
quantum	quanto

Que

fol. 74v. 2. “Muytas e grandes graças devemos dar / ao senhor, *que* nom quer a morte dos peca / dores”

Trata-se da forma pronominal relativa mais empregada. Tanto pode referir-se a pessoas como a coisas, no masculino e feminino. Quanto à função sintática, pode ser sujeito e complemento verbal.

O qual

fol. 75r. 5. “*O / qual* logo abrio sua boca”

Sofre variação em número e, contrariamente ao sucedido no português e no galego atual, nem sempre aparece precedido de artigo definido. Tanto é usado em função adjetiva como em substantiva.

Os quais

fol. 75r. 4. “*Os quaes* / muito e de toda vōõtade e coração, a ficadamēte / o rrogavõ”

Com variação de número.

Quantas

fol. 76r. 9. “*Quantas* horas pensades que esta molher está dentro ã ssua ca/mara,”

Sofre variação de gênero e número e quase sempre aparece com o sentido de *todo quanto*, *todo que*, mas é muito raro o pronome todo vir expresso. Também possui valor substantivo. Existe ainda o emprego de uma forma invariável, sempre com função substantiva e referindo-se a coisas ou objetos.

Quanta

fol. 80r. 33. “*Oo quanta* violência e enjuria padeço deste velho

decrepito.”

Feminino sing.

A qual

fol. 76r. **10.** “(...) avemos de veer e de contemplar su(a) façe, / *a qual* cherubym nõ he ousado oolhar,”

Feminino sing.

As quais

fol. 76r. **10.** “(...) *as quaes* olhos / nom virom nõ orelhas ouvyrõ,”

Esta forma também é abonada. Feminino pl.

Quanto

fol. 81r. **39.** “(...) nem gardou pera sy / nenhũa cousa de *quanto* e, pecado ganhara,”

Masculino sing.

4.3.5 – Indefinidos

Ao tratarmos dos pronomes indefinidos, adotaremos o mesmo critério metodológico dos pronomes relativos, sempre dando ênfase a selecionar unicamente os que se encontrem dentro do texto examinado. Muitos dos pronomes indefinidos sobreviveram em português vindos do latim clássico; já outros surgiram ora do uso especial de outras partes do discurso, ora de novas combinações.

latim

*ali qu'ūnum

* ne (por nec) unum

unuus, -a, -um

tōtum

alterum

aliquod

aliquem

cata

nec unum

multum

certus

paucus

quantum

tantum

quale + quoero

português

algum

nẽ hum (arcaico); nenhum

hũu, hũa(arcaico); um, uma

todo; tudo

outro; outrem

algo

alguém

cada

nengum (arcaico) e ninguém

muito

certo

pouco

quanto

tanto

qualquer (composto; o primeiro

elemento é variável) Nêhũũ
fol. 77v. 2. “(...) Deos he muito misericord/ioso e nom quer que *nêhũũ* homê em esta vida / mortal pereça.”

Pronome variável, usado tanto em função substantiva como adjetiva. Documentam-se as seguintes variantes: *nêgũú, nêgũ, nê hũu, nehuũ, nêgum, nenhũu, neúún, njhũ, neúún, niuũ, neũu, nenhũu, nêhũu, nhũu, njgũ, nigum, njhũ, njúún, nj úún, njhũ.*

Nenhũa

fol. 78v. 26. “Os sanctos canones e decretos dizem que *nenhũa* meretriz publica nom deve de seer bap/tizada”

Feminino sing. Outras variantes documentadas: *nêgua, nehũa, nehua, nêhũa, nenhũa, neũa, ningũa, niumha, niũha, njhũa, nyhũa, ne hũa, nê hũa, nê una.*

Todos

fol. 75r. 4. “Aconteceo hũũ dia sa/bado, que *todos*, cada hũũ de sua çela descenderem”

Com variação de gênero e número, e sintaticamente desempenhando papel relevante, este indefinido apresenta muitas variantes. As formas *todo(s), toda(s)* empregam-se quase sempre seguidas de artigo: *todos os, todas as*, como atestam documentos galego-portugueses citados por Clarinda de Azevedo Maia. Por outras ocasiões, o pronome e o artigo aparecem unidos graficamente: *todóó, todáá*. Verifica-se, em alguns casos, a contração do pronome com o artigo, conservando-se deste as antigas formas de *los, lãs: todollos, todallas*, com as seguintes abonações: *todollof, todolos, todoloſ, todolhos, todolhoſ, todalaſ, todalhaſ, todelhas*. Em outros exemplos, nota-se que não se deu a contração entre as duas formas, permanecendo o -s da forma pronominal: *todoſlloſ; todos llos; todos los; todoſloſ; todas las; todas laſ, todaſlaſ, todaſlhaſ; todas llas*.

Em função adjetiva, essas formas acompanham-se geralmente de artigo definido, mas este é quase sempre suprimido quando o indefinido vai seguido de possessivo, como nestes exemplos ilustrativos tirados de Clarinda de Azevedo Maia: “*todos noſſos bês*” (1329 C 9); “e *todas ſſuas pertença*” (1448 DL 147) (*Op. cit.*, p. 711)

Muito

fol. 75r. 4. “Os quaes / *muito* e de toda vôtade e coração, a

ficadamête / o rrogavõ,”

Variável em gênero e número, usa-se *quer* como pronome substantivo, *quer* como pronome adjetivo. Também se documenta a forma *moyto*.

Toda

fol. 75r. 4. “Os quaes / muito e de *toda* vôtade e coração, aficadamête / o rrogavõ,”

Feminino sing. Os comentários foram feitos em *todos*.

Qualquer

fol. 75v. 6. “E por *qualquer* lugar que / ella hya e aynda per o aar, odor, cheiros eram no/bres e muy odoriferos.”

Variável em gênero e número com relação ao substantivo, apresenta as seguintes abonações gráficas: *qual quer*, *quaes quer*, *quaeſ quer*, *calquer*, *qualquer*, *quaesquer*, *quallquer*, *quaeſquer*. Ladeando, também existem as locuções pronominais indefinidas: *que quer que*; *quem quer que*; *quen quer que*, *quẽ quer que*.

Todo

fol. 75v. 8. “E de *todo* coração cõ grandes e lõguos sospiros disse aos bispos (...)”

Masculino sing. Os comentários foram feitos em *todos*.

Cada

fol. 81r. 8. “(...) e deu a *cada* hũ deles certos dinheiros”

Invariável e sempre empregado em função adjetiva.

4.4 - Numerais

Os numerais provêm do latim e sofreram alterações maiores ou menores em consonância com as leis da fonética portuguesa ou da analogia. Bipartem-se em cardinais e ordinais: cardinais porque procedem de *cardo*, *-inis* = gonzo, i.e., o que serve de base, de fundamento; ordinais porque procedem de *ordo*, *-inis* = ordem.

São também multiplicativos e fracionários.

A todos daremos as necessárias explicações etimológicas,

quando estivermos pesquisando o texto em estudo e de conformidade com o seu respectivo surgimento dentro desse mesmo texto.

Hũm

fol. 74 v. 2. “E por ende ouvide hũ/u millagre que foy fecto em nossos dias.”

Do numeral cardinal latino *unus*, *-a*, *-um*. Variável em gênero e número. Possui as seguintes abonações gráficas: hũu, húú, huu, húúm, úún, vun, uũ, hũ, hũn, un, ãn, ã, vm, vn, vn, húú], vno.

Hũa

fol. 76v. 11. “Ó alto deos, / perdoa a my peccador, que a ponpa e ornamento de *hũa* molher do mundo de hũũ dia, sobrepoja / e vence todas as obras de minha vyda.”

Com as mesmas características históricas de hũm, possui as seguintes variantes: *vna*, *una*, *ũa*, *hũa*, *hũua*, *huũa*, *vna*, *hua*, *huas*, *hua*]

Dous

fol. 77v. 20. “A qual mandou a *dous* seos servidores que / soubessem a casa onde o sancto bispo Nono pou/sava.”

Do latim clássico *duos*, através do latim vulgar **doos*. Variável em gênero. Variantes documentadas: *dou*], *dou*]], *dua*]. Muito raramente, *do*], *dos*, talvez por influência espanhola. A forma *dois* espalhou-se a partir do século XVI. Ainda sobrevive em algumas regiões a forma *dous*.

Trinta mil

fol. 80r. 33. “Nom te abastava trinta mil mouros”

Este numeral cardinal procede do latim: trinta, de *trīginta*, mil, de *mille*.

Terça

fol. 82r. 44. “E feyta ora de *terça* come/cou muy solenemente cantar.”

Numeral fracionário, do latim *tertium*. De início designou a terça-parte de um todo. Variável em gênero e número. Variantes documentadas: *terça*, *terza*, *tercza*.

4.5 – Verbos

Quanto às transformações históricas dos verbos do latim ao galego-português, vejamos outra vez as lições de Clarinda de Azevedo Maia:

As quatro conjugações do latim clássico em *-āre*, *-ēre*, *-ere* e *ire* conservaram-se como tipos flexionais distintos nalgumas línguas românicas, entre as quais podem referir-se o catalão, o provençal, o francês, o italiano e romeno; noutras, pelo contrário, as quatro conjugações ficaram reduzidas a três, devido à perda da terceira conjugação latina, tendo a maior parte desses verbos passado à segunda conjugação. Tal é, em traços muito gerais, a situação do galego português, do castelhano, do leonês e do Macedo-romeno (*Ibidem*, p. 723-24)

No entanto, historicamente, merece destacado o verbo pôr. Sua evolução pode ser assim demonstrada, em virtude da fusão da segunda e terceira conjugações latinas: *pōnere* > *pōer* > *poer* > *por*. Trará-se, conseqüentemente, de um verbo da segunda conjugação no português e no galego atuais, porém com essa notação diacrônica.

Em nosso trabalho, apresentaremos *unicamente* as formas verbais que se nos configurarem mais relevantes, posto que se fôssemos fazer comentários de todas elas, esta pesquisa tenderia a alargar-se exaustivamente.

Localizadas as formas verbais, faremos os comentários morfológicos e a seguir daremos a regência verbal que for condizente *apenas* com cada exemplo selecionado das três conjugações.

Affremosentando (1ª conjugação: AR)

fol. 76r. 9. “Quantas horas / pensades que esta molher está dentro ã ssua ca/mara, ã sse ornamentar e affectar, lavando e / *affremosentando* seu rrostro,”

Ger. do v. *affremosentar*. Formado do adj. lat. *formosu*, ‘cheio de beleza’, deu no port. arcaico *fermoso*, por dissimilação, e mais tarde *fremoso*, com metátese. Ao prefixo verbal, acrescentou-se o grafema duplo <F F>. Hodiernamente, *aformosentar*, v.t.d., ‘tornar formoso’, ‘embelezar’, ‘alindar’.

Seer (2ª conjugação: ER)

fol. 75r. 2. “(...) porque no outro mundo, o juízo ha-de *seer* justo /”

Inf. do v. *ser*. A respeito da etimologia deste verbo, transcrevemos as seguintes palavras de Carolina Michelis de Vasconcellos, inseridas na Gramática Histórica da Língua Portuguesa, elaborada pelos filólogos do grupo FTD:

1º De *sedēre* proveio, segundo as tendências fonéticas do castelhano e do português, *SEER*, e do século XII em diante, *SER*. Não menos naturalmente do que de *esse*, vulgarmente transformado e m e s s e r e , proveio o francês *ê t r e* , o italiano *essere*, o provençal-catalão *esser*. — As duas línguas enveredaram diversamente, quanto às conjugações, muito embora os fatos relativos a *sedēre* ainda não fossem reconhecidos.

2º *Sedēre* existia completo em Portugal. Com o paradigma *sedeo*: — *sejo, sees, see; seja; sedia, seia, siia, sia; sei, sê, sede; sendo, sido — sedui* (por *sedi*, com *sivi, seveste, seve, sevesse, sever*); *seer* de *sedēre*. *Ser* é forma que surgiu no futuro e condicional perifrático, por nela haver perdido com a independência o acento tônico, tal qual de *pōer, poer*, — saiu *pōer* nos compostos *porei, poria*.

3º O sentido originário de *sedēre*, *estar sentado*, *sentar-se* (*sedentare* derivado do particípio presente de *sedēre*), ainda perdurava no século XIV, em que a par de *sedia* (raríssimo), e do ainda raro *ser*, prevalecia *SEER* (de duas sílabas em centenas de versos (...) em que *SEER* conta como monossílabo).

4º Já antes da última redução fonética, houve atenuação do sentido. *SEER* ia funcionando como mero auxiliar de verbos ativos em forma gerundiva — ao lado de *esse stare*, (...), *jacere*, e de *habēre, tenēre*; como sinônimo sobretudo de *stare*. Com *jaço cuidando, jacó morrendo*, etc., compare-se *sej`eu morrendo, seja pensando*.

5º O significado duplo de *SEER* originou naturalmente anfibologias. Perto 1350, houve um distinto trovador, D. Afonso Sanches, bastardo de D. Denis, que assim empregou o infinitivo, (...): *Ben se J`acá, non quero seer melhor*.

6º O uso de *SEER, ser*, como auxiliar, e a sua quase completa sinonímia com *estar*, fizeram que algumas formas entrassem supletivas no incompleto e anormal paradigma de *sum, fui, esse*. Delas subsistem: os imperativos *sê* (de *see*), *sede*; os particípios *sendo, sido*; o presente do subjuntivo: *seja*; o infinitivo: *ser*, quando pessoal com *seres, sermos, serdes, serem*; o futuro: *serei*, e o condicional: *seria*. — Em (...) ocorrência com *sou, és, é; era; fui, fosse, for, fora; estou, estava, estive*; desapareceram, pelo contrário: o presente do indicativo, *sejo, sees, sê*, etc., o imperfeito, *seia, siia, sia*, etc.

7º A favor desta teoria, deve-se alegar a forma arcaica castelhana, *sey, seya*, substituída pelo moderno *sea*. Também *sey, seyead*, *seido*. (*Op. cit.*, p. 422)

No exemplo selecionado, v. de ligação, ou predicativo, na opinião de alguns autores.

Posu'ira (3ª conjugação: IR)

fol. 81v. **40.** “(...) porque Paia tom/ou e escolheo a mylhor parte a qual avera e *posu'ira* pera senper.”

3ª p. do sing. do m. -q. -per. sind. do v. *possoir*, do lat. *possidēre*, ‘possuir’, ‘estar de posse de’, ‘ter a posse de’. Dos verbos da 2ª conjugação altina, quando da transição para o galego-português, somente dois deles não apareceram fazendo parte do grupo terminando em ER: o primeiro foi *conplir* (e suas variantes *cōplir*, *comprir*, *cōprir*, *conprir*); e o segundo foi *persoyr* (e suas variantes *possoir*, *posseir*, e *peissoir*, por metátese. No português atual, *possuir*, v.t.d. no texto, ‘ter a posse de’; ‘ter,ou deter em seu poder’; ‘deter’.

Não fossem as limitações deste trabalho, muito assunto haveria a se comentar ainda a respeito dos verbos em galego-português. De modo específico, citaremos: considerações mais gerais das conjugações; verbos incoativos; apócope de *-e*; o sufixo *-des* da segunda pessoa do plural; as terminações da terceira pessoa do plural; o perfeito e tempos afins; o particípio passado; o infinitivo flexionado. Mas fica o registro.

4.6 - Advérbios

Passemos a examinar os advérbios mais significativos.

Aquy

fol. 74v. **1.** “*Aquy* se começa a vida de Sancta Pellagya”

Do lat. *eccu+hic*. Neste lugar. || Neste ponto. || Neste momento. Variantes: *aiquí*, *aquy*; *eiquí*. Adv. *Aqui*.

Senpre

fol. 76r. **10.** “E nos que / avemos nosso padre eternal nos ceos pera / *senpre*”

Do lat. *semper*, ‘de uma vez por todas’, com metátese. Adv. Em todo o tempo.|| Em qualquer ocasião. || Sem cessar; continuamente.

Hy

fol. 77v. **20.** “Aconteceo per a bõ/dade de Deos que aquela molher publica da qual / queremos aqui falar e fazer palavra era *hy* êtam”

De *a* e do arc, *hi* < *hic*, lat. Aglutinou-se o *a* por causa da exigüidade do vocábulo. Variantes documentadas: *ahí*; *ehí*; *ay*; *y*; *hi*; *hj*; *hij*; *hy*. Adv. *Aí*.

Nom

fol. 77r. **15.** “(...) vy hũu sonho do qual som muy turbado porque *nom* vejo nem sey,”

Do lat. *non*. Exprime negação. Sua colocação na frase é geralmente antes do verbo. Variantes: *nam*, *non*. Adv. *Não*.

Onde

fol. 77v. **20.** “A qual mandou a dous seos servidores que / soubesse a casa *onde* o sancto bispo Nono pou/sava.”

Do lat. *unde*, ‘donde’. No lat. vulg., em algumas regiões românicas, tomou o lugar semântico de *ubi*. Adv. *Onde*.

Asaz

fol. 81r. **37.** “A my *asaz* abastam as riquezas de m/eu senhor e sposo Jhesu Cristo.”

Do lat. *ad satie*. Bastante, suficiente. || Em alto grau; muito Adv. *Assaz*.

Nũca

fol. 78v. **26.** “(...) nenh/ũa meretriz e molher publica nom deve de seer bap/tizada se nom der fiadores que *nũca* mais use de ma/os pecados”

Do lat. *numquam* (ou *nunquam*). Em nenhum tempo; jamais. Variantes: *nõca*; *nonca*; *nũqua*; *nucal*. Adv. *Nunca*.

Como

fol. 76v. **11.** “(...) tomou a my per a maa *como* avia de custume”

Do lat. *quomo*, forma apocopada de *quomodo*. De que maneira; como. || De maneira que. Variantes: *commo*; *coma*. Adv. *Como*.

4.7 - Preposições

Quanto às preposições, vejamos:

De

fol. 75v. 7. “(...) nom quis desçender *de* seu asno”

Do lat. *de*. Regia ablativo, com variadíssimos empregos.
Variantes: *des*; *de*. Prep. *De*.

Pera

fol. 75r. 4. “(...) orrogavõ , *pera* ouvir delle pallavras de hedifficaçõ”

Do lat. *per+ad*. O <e> átono diante de <r> transformou-se em <a> . Prep. *Para*.

Per

fol. 75r. 5. “O / qual logo abrio sua boca e *per* spiritu sancto come/çou ffallar pallavras consollatorias”

Forma analógica de *por*, do alt. vulg. *por*, alteração da forma clássica *pro*. Prep. *Por*.

Por

fol. 75v. 7. “(...) e *por* honrra de Deos e rever/ença dos bispos, nom quis desçender de seu asno,”

Do lat. vulg. *por*, alteração da forma clássica *pro*. Prep. *Por*.

Sobre

fol. 75v. 7. “(...) e pôs / sua face *sobre* seus gíolhos”

Do lat. *super*, ‘por cima de’; ‘em cima de’. Prep. *Sobre*.

Cõ

fol. 75v. 8. “E o bispo Nono outra vez tornou sua / façe sobre seus gíolhos, *cõ* grande desejo sos/pirando e chorando”

Do lat, *cum*, ‘com’, ‘em companhia de’. Juntamente com (idéia de companhia). || Com, logo que (indicando simultaneidade no tempo). Pre. *Com*.

Em

fol. 81r. 39. “(...) nem gardou pera sy / nenhuma cousa de quando *em* pecado ganhara”

Do lat. *in*. Prep. *Em*.

Antre

fol. 81r. **38.** “(...) e disse que *antre* as cousas se/u cuidado e pensamento fosse quitar-sse dos pe/cados”

Do lat. *inter*. Variantes documentadas: *entre* (com metátese); *ĩtre*; *intre*; *ontre*. Prep. *Entre*.

Ante

fol. 76v. **12.** “(...) *ante* a tua presença me excusarey”

Do lat. *ante*. Prep. *Ante*

Ataa

fol. 77r. **4.** “(...) per toda a nocte *ataa* que foy dia.”

Do lat. *ad tenus*, ‘até’, ‘até a’. Outras variantes: *ata*; *atá*; *atra*; *tro*; *trões*; *atee*; *atéém*. Prep. *Até*.

Perdante

fol. 75r. **5.** “(...) vinha e passou *perdante* elles hũa jogressa”

Do lat.: *per+de+ante*, por contração. Prep. O mesmo que *perante*; *diante de*.

4.8 – *Conjunções*

As conjunções apresentam o seguinte quadro:

fol. 74v. **2.** “Muytas e grandes graças devemos dar / ao senhor,”

Do lat. *et*. Conj. *E*, aditiva.

Segundo

fol. 75r. **2.** “(...) e cada hũ há-de receber e aver gallardom, *segundo* suas obras”

Do lat. *secundu*, ‘que segue’, ‘seguinte’, ‘que vem a seguir’. Variantes: *segundo*; *segũdo*. Conj. *Segundo*, conformativa.

Mais

fol. 81r. **38.** “(...) que de todas estas riquezas nõ / tomasse nenhũa cousa nõ despen(de)sse em obras / da egreja nem do bispado *mais* desse e gastasse ã / pobres e em viuas e em orphãos.”

Do lat. *magis*. Trata-se de uma conjunção adversativa sinônima do atual *mas*, o qual representa, por sua vez, a evolução do mesmo *mais* em próclise, mantendo-se o <s>, a despeito dessa evolução. Variantes: *maif*; *mas*. De igual valor semântico é a forma *pero*. Conj. *Mas*, adversativa, já definida acima.

Nẽ

fol. 81r. 38. “(...) que de todas estas riquezas nõ tomasse nenhũa cousa *nẽ* despen(de)sse em obras”

Do lat. *nec*, ‘e não’. É a forma nasalada de *ne*, antiga conjunção. Cariantes: *nj*; *nyn*; *nem*; *nín*. Conj. *Nem*, com o sentido alternativo.

5. CONCLUSÃO

Como se depreende da exposição acima, o galego-português representou importantíssimo complexo lingüístico formado pela antiga fala portuguesa do Norte e pelo galego, língua da Galiza.

Em decorrência de sua diacronia ou evolução histórica, tivemos o português moderno.

O texto estudado, a despeito de suas discrepâncias de ordem grafemática, apresenta rico depósito de fatos gramaticais, lingüísticos e filológicos, em razão dos quais mostramos os mais relevantes aspectos de morfologia (incluindo-se comentários etimológicos), e de sintaxe, e que assim constituíram expressivo material de nossas pesquisas.

6. BIBLIOGRAFIA

ALI, M. Said. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 6^a ed. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

ALVAR, M. *Variiedad y unidad del español. Estúdios lingüísticos desde la historia*. Madrid: Prensa Española, 1969.

APONTAMENTOS de aula do Professor Doutor Celso Cunha. Curso: Diacronia do Português II. Rio de Janeiro, UFRJ. Doutorado, 2^o semestre de 1988.

- AUERBACH, Erich. *Introdução aos Estudos Literários*. Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1972.
- BALDINGER, Kurt. *La formación de los dominios lingüísticos en la Península Ibérica*. Madrid: Gredos, 1962.
- BOLÉO, Manuel de Paiva. *Introdução ao estudo da Filologia Portuguesa*, Lisboa: Revista de Portugal, 1946.
- BOURCIEZ, E. *Éléments de Linguistique Romane*. 4^a ed. revista pelo autor. Paris: Hlinckdieck, 1956.
- BUENO, Fr. da Silveira. *A formação histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, 1955.
- . *Estudos da Filologia Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1963.
- CALDAS AULETE, F.J. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Delta, 1964. 5 volumes.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Princípios de Lingüística Geral*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1954.
- . *Dicionário de Lingüística e Gramática*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- . *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
- COROMINAS, J. *Diccionario crítico-etimológico de la lengua castellana*. Berna: Francke, 1954-57.
- . *Estúdios de Lingüística Románica*. Madrid: Gredos, 1977.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1968.
- CUNHA. A.G. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova fronteira S/A., 1982.
- CUNHA. Celso Ferreira da. *À margem da poética trovadoresca. O regime dos encontros vocálicos interverbais*. Rio de Janeiro, 1950.
- . *Estudos de versificação portuguesa. (Séculos XII a XVI)*. Paris: Centro Cultural Português, 1982.
- . *Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro:

FENAME / HEC, 1982.

———. Novas observações sobre p hiato na antiga versificação galego-portuguesa. *Ibérica*. Revista de Filologia, n° 4, Dezembro de 1960, p. 23-100.

———. *O Cancioneiro de João Zorro*. Aspectos lingüísticos. Texto crítico. Glossário. Rio de Janeiro, 1949.

———. *Significância e movência na poesia trovadoresca*. Questões de Crítica Textual. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.

———. & LINDLEY CINTRA, L.F. *Nova Gramática do português Contemporâneo*. Lisboa: João Sá da Costa, 1984.

DIAZ & DIAZ, Manuel. C. *Antologia del latin vulgar*. Madrid: Gredos, 1950.

ENCYCLOPAEDIA Mirador Internacional. São Paulo, 1975.

FARIA, Ernesto. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.

———. *Dicionário Escolar Latino-Português*. Revisão de Ruth Junqueira de Faria. Rio de Janeiro: FENAME/MEC, 1982.

FERNANDES, Francisco. *Dicionário de Verbos e Regimes*. Porto Alegre: Globo, 1940.

———. *Dicionário de Sinônimos e Antônimos da Língua Portuguesa*. Porto Alegre: Globo, 1944.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FIGUEIREDO, Cândido. *Novo Dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Bertrand, 14ª edição, 2 volumes, 1949.

FREIRE, Laudelino. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: A NOITE, 1944.

F T D. *Novo Manual dji Língua Portuguesa. Curso Complementar - Gramática Histórica*. São Paulo: Alves, 1926.

GONÇALVES VIANA, Aniceto dos Reis. *Apostilas aos dicionários portugueses*. Lisboa: A.M. Teixeira, 1906.

GRANDE ENCICLOPÉDIA Delta-Larousse. Rio de Janeiro, 12 volumes, 1970.

HERMAN, J. *Le latin vulgaire*. Paris: PUF (Que Sais-je?), 1967.

HORTA, Guida N. B. Parreiras. *Os gregos e seu idioma*. Rio de Janeiro: J. Di Giorgio, 2 volumes, 1979.

LAPESA, Rafael. *Historia de la lengua española*, 2ª edição corrigida e aumentada. Madrid-Buenos Aires: Escelicer S.L., 1950.

MACHADO, José Pedro. *Origens do Português*. 2ª edição revista e aumentada. Lisboa, 1967.

———. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Confluência, 2 volumes, 1953-59

———. *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Confluência, 3 volumes, [s/d.].

MAGNE, Augusto. *A Demanda do Santo Graal*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional 3 volumes, 1944.

———. *Dicionário da língua portuguesa especialmente dos períodos medieval e clássico*. Rio de Janeiro, vol I, 1950 (A-AF); vol II-1, 1954 (AG-AL).

MAIA, Clarinda de Azevedo. *História do Galego-Português*. Estado lingüístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (Com referência à situação do galego moderno). Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986)

MARTINET, André. *Éléments de linguistique générale*. Paris: Armand Colin, 1976

MEIER, Harri. *Ensaio de Filologia Românica*. Rio de Janeiro: Grifo, 1974.

MEDÉDEZ PIDAL, D. Ramón. *Crestomatia del español medieval*. Acabada e revisada por Rafael Lapesa y maria Soledad de Andrés. Madrid: Facultad de Filosofía y Letras. Seminario Menéndez Pidal, 2 vols. 1965-1966.

———. *El idioma español en sus primeros tiempos*. Sexta edición.

Madrid: Espasa-Calpe, 1964.

———. *Manual de gramática histórica española*. Décimotercera edición. Madrid: Espasa-Calpe, 1968.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2 volumes, 1952-55.

———. *Elementos de Filologia Românica*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1954.

———. NUNES, J.J. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*. 3ª ed. Lisboa: Clássica, 1945.

———. PALHANO, Herbert. *A Expressão Léxico-Gramatical do 'Leal Conselheiro'*. Lisboa: Revista de Portugal, 1949.

PEREIRA, Isidro. *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*. Porto: Apostolado da Imprensa, 1976.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática Histórica*. 7ª edição. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1932.

SILVA NETO, Serafim da. *A constituição do português como língua nacional*. Lisboa, 1961.

———. *História da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1952-57.

———. *Fontes do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica.

———. *História do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1957.

———. *Manual de Filologia Portuguesa*. 2ª ed. melhorada e aumentada. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1957.

TAGLIAVINI, Carlo. *Le origini delle lingue neolatine*. 4ª ed. Bolonha: R. Pàtron, 1964.

VASCONCELLOS, José Leite de. *Lições de Filologia Portuguesa*. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1966.

VASCONCELLOS, Carolina Michaëlis de. *Lições de Filologia Portuguesa*, segundo as preleções feitas nos cursos de 1911/12 e de 1912/13. Lisboa: Revista de Portugal, 1956.

VIEIRA, Domingos. *Grande Dicionário Português ou Tesouro da*

Língua Portuguesa. Porto: Chardron e B.H. Morais, 5 volumes, 1871-74.

VITERBO, Fr. Joaquim de Santa Rosa de. *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram*. Edição crítica baseada nos manuscritos originais de Viterbo, por Mário Fiúza. Porto e Lisboa: Civilização, 1962 e 1966.

WILLIAMS, Edwin B. *From Latin to Portuguese. Historical Phonology and Morphology of the Portuguese Language*. 2a ed. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1968. Existe a trad. portuguesa de Antônio Houaiss, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro / MEC / INL, 1973, que consultamos.